

SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL

Dezembro 2010 www.sciam.com.br

Paleontologia
Os crocodilos
brasileiros que
conviveram com
dinossauros

tt
Duetto

Mundos Ocultos de Matéria Escura

Um universo inteiro
pode estar em interação
com o nosso, sem que
possamos perceber

Vacinas
Imunização de vetores divide
estratégias no combate à malária

Neurociência
Os resultados surpreendentes
da luz no controle do cérebro

Ambiente
Por que não podemos ter uma
conversa civilizada sobre o clima?



ANO 8 nº 103
R\$ 11,90
Portugal € 4,90

E MAIS: Carta celeste do mês



Michael Shermer é publisher da revista *Skeptic* (www.skeptic.com). É o autor de *Why Darwin matters* e escreve no blog BigQuestionsOnline.com

O Cético dos Céticos

Na batalha das ideias, cientistas deveriam se inspirar no exemplo de Christopher Hitchens

A ciência valoriza dados e estatísticas, promove as virtudes da evidência e experimentação. Para aqueles entre nós que têm “uma visão racional do mundo” (o lema desta coluna), há também outra ferramenta pouco utilizada à disposição: a lógica aguçada, como a de Christopher Hitchens, lógico experiente e especializado em retórica. Hitchens – que, conforme ele próprio confessou ao jornalista Charlie Rose, em recente entrevista à rede americana de televisão PBS, está “deixando este mundo antes do combinado” por causa de um câncer de esôfago – fez uma contribuição muito significativa à forma como encaramos argumentos não científicos. Apesar de ele não ter estudo formal em ciência, eu o confrontaria com qualquer propagador de embustes pseudocientíficos, por sua habilidade única e invejável de revelar as estruturas de um argumento e atingir seu cerne.

Seria benéfico a todos nós observar e procurar alcançar seu poder de esmiuçar e detectar balelas somente por meio de puro pensamento. Por exemplo, em uma tarde de domingo de 2003, após presenciar um médico charlatão enganando a população pobre da Índia, o polemista esbravejou em sua coluna *Slate*: “O que é afirmado sem base científica também pode ser descartado sem base científica”. A observação é digna de virar uma máxima.

É óbvio que, como cientistas, preferimos submeter a evidência – quando disponível – a uma análise lógica, no intuito de corroborar um argumento ou fornecer contraprovas que questionem uma asserção. Um exemplo brilhante do pensamento metódico de Hitchens, aliado ao emprego eficaz da contraprova, é sua reação a um episódio da série televisiva *Planet Earth*. No momento em que assistia ao programa, ele teve um insight sobre as profundas deficiências do criacionismo. O episódio tratava da vida sob a terra e, conforme lembrou em um comentário na *Slate*, em 2008, Hitchens percebeu que a salamandra cega tinha “olhos” que “eram evidenciados apenas por pequenas concavidades ou dentículos”. “Enquanto ainda tentava entender as implicações desse fato, a agradável voz de *sir* David Attenborough [naturalista britânico] me dizia quantos milhões de anos foram necessários para que esses seres subterrâneos perdessem seus olhos.”

A questão ocular é levada a sério pelos criacionistas. Eles insistem que o processo gradual da seleção natural não poderia resultar

em um instrumento tão sofisticado quanto o olho, em razão de sua “complexidade irreduzível”, o que significa que a remoção de qualquer elemento o tornaria inútil. Até Charles Darwin se preocupou com esse órgão em *A origem das espécies*: “Confesso abertamente: parece-me um absurdo do mais alto nível supor que o olho – com todos os seus dispositivos inimitáveis para o ajustamento do foco a diferentes distâncias, para a recepção de quantidades distintas de luz e para a correção de desvios cromáticos e esféricos – teria se formado por meio da seleção natural”.

Se Deus criou o olho, então como os criacionistas explicam a salamandra cega? “O máximo que podem fazer é proferir: ‘O Senhor o deu e o Senhor o tomou’”, expressou Hitchens. “Quando se reflete sobre essa questão, parece ser tão grande a probabilidade de a cegueira pós-visão das salamandras subterrâneas representar outra faceta da evolução por seleção natural que isso se torna uma quase certeza.” Para confirmar sua intuição, Hitchens consultou o biólogo evolucionista Richard Dawkins, que concordou: “Por que raios Deus iria criar uma salamandra com vestígios oculares? Se Sua intenção era criar salamandras cegas, por que não criar apenas salamandras cegas? Por que dotá-las de olhos falsos que não funcionam e parecem ser herdados de ancestrais que enxergavam?”

No entanto, o ponto colocado por Hitchens é ainda mais profundo: ele aplica ao próprio Cosmos o contra-argumento da regressão, observando: “Considerar o inverso dos argumentos convencionais originais acarreta uma vantagem dialética. Por exemplo, agora podemos contrapor à velha indagação teística – ‘por que há alguma coisa e não o nada?’ – os achados do professor Lawrence Krauss, entre outros, sobre a previsível morte do Universo por aquecimento... Assim, a questão pode e deve ser reformulada: ‘Por que nossa breve existência é substituída tão rapidamente pelo nada?’ Somente quando abalarmos, em progressão linear, as próprias crenças internas e considerarmos as muitas recessões enfrentadas e ainda por enfrentar é que poderemos compreender a grande estupidez daqueles que depositam sua fé na Providência e nas formas divinas”.

A utilidade dialética da lógica pura, em associação a uma prosa requintada (substituindo a usual avalanche de dados), deve ser levada em consideração pelos cientistas como mais um instrumento de persuasão na batalha por ideias. ■

